



PALACIO DE TASSISUDON.

O Boutan é uma grande região da Asia central, muito pouco povoada proporcionalmente á sua extensão, separada do Thibet por uma cordilheira de serras que se dilata entre 27 e 28 graus de latitude, e que fica ao sul de Bengala formando por este lado a linha divisoria uma ramificação do monte Imans.

Os habitantes são de raça quasi branca com feições tartaras, e differem nos costumes tanto dos bengalins seus vizinhos quanto é diversa a respectiva temperatura do clima; ha tamanha disparidade entre estas duas castas de homens que parecem nascidos em duas regiões muito remotas uma da outra. Os do Boutan tem a pelle clara e são mais fortes do que os fuscos bengalins; tambem tem a cara mais larga e os ossos das faces mais proeminentes; os seus cabellos são pretos e usam corta-los mui curto; geralmente são de alta estatura; porém, grande numero é sujeito á inclinação do pescoço e barba que se chama papeira.

A religião do Boutan é o budhismo; governa-o um Deb-rajá da seita dos Lamas, subordinado n'este ponto ao Dala-Laima do Thibet; porém ainda ha pouco reconhecia com o pagamento d'um tributo o imperador da China.

O territorio, assim das fronteiras como interiormente, é montanhoso, e as serranias produzem trigo e cevada como na Europa, bastante arroz e uma casta de grão de que os naturaes fabricam certo licor fermentado. Os valles comprehendidos entre esses montes dão bem todo o genero de fructas, taes como pecegos, peras, maçãs, damascos, amoras, morangos, e framboazes. Parte das serras está coberta de neve em todo o anno.

Tassisudon, residencia ordinaria do Deb-rajá é sita nas margens do rio Tehintchiou a 26 leguas ao

sueste do famoso mosteiro de Thescou Lombou, onde tem morada o soberano temporal e espirital do Thibet. O palacio de Tassisudon, uma das celebres construcções dos sectarios do budhismo, é feito de pedra e forma um quadrilongo; as muralhas são altas e tendo um jorramento ou talud, como que se recolhem um tanto para dentro á medida que se elevam; a meia altura corre uma ordem de janellas com cortinas de elina, que servem de vidraças, e se fecham todas as tardes: o centro faz uma especie de cidadella com sete andares muito baixos á similhança dos quartéis de algumas fortalezas; o todo é coroado por um zimbório. O valle onde tem assento o edificio é bem cultivado e ahi se colhem muitos cereaes, e se veem dispersos varios casaes; porém não ha povoações nem mesmo logarejos, na distancia de meia legua em redondo.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

ALGUNS DOCUMENTOS ACERCA DO CONDE DE AVRANCHES.

A tradição tem-nos transmittido singularmente alterada, uma circumstancia importante, relativa a um dos vultos mais conspicuos nos fastos portuguezes. Referimo-nos ao nobre e esforçado cavalleiro Alvaro Vaz d'Almada, tão afamado no seu tempo por toda a Europa: e especialmente á sua nomeação como conde de Avranches.

Tem-se generalizado entre nós a erronea idéa de que este illustre portuguez fôra feito conde de Avranches pelo rei de França, e cavalleiro da ordem da Jarreteira pelo de Inglaterra; quando é certo que Henrique VI, rei de Inglaterra, foi quem fez ambas as mercês no anno de 1145.

Na actual subdivisão da França, Avranches está situada no departamento da Mancha, que se acha incluído na antiga provincia ou ducado de Normandia. Esta porção do territorio francez achava-se, como é bem sabido, incorporada nos dominios da corôa de Inglaterra desde a conquista d'este reino pelo duque Guilherme, chamado o Conquistador, e assim permaneceu até que veio a ser redusida pelas armas do rei de França, Carlos VII. Mas Henrique VI era ainda duque de Normandia em 1445, e foi como tal que deu, e podia dar, o titulo de conde de Avranches a D. Alvaro. Esta circumstancia, mal entendida, é que provavelmente originou o erro que mais tarde se propagou, bem como a de se intitular aquelle monarcha *inglez rei de França*, ditado que nasceu da conquista da França effectuada por Henrique V, e que os soberanos inglezes só largaram muito tempo depois. Releva lembrar que quando este rei morreu, no meio da sua gloria, deixou seu filho Henrique VI, então menor, como rei de França e em plena posse do reino: a expulsão d'este, ou antes da sua auctoridade, teve lugar só passados alguns annos, devendo por tanto haver muita gente que o considerasse realmente como rei de França, em quanto visesse.

Seja como for, o erro tornou-se posteriormente tão geral que todos os auctores o accitaram sem exame, e entre outros o dr. Schoeffer, illudido pelas auctoridades portuguezas que seguiu, mostrando aliás, na sua bem elaborada historia de Portugal, ser escriptor de muito discernimento e de um talento historico mui distincto (1). O fallecido visconde de Santarem foi o unico, se não nos enganamos, que rectificou a tradiçãõ antiga, dando noticia do conteúdo de uma carta de Henrique VI, datada de 4 de agosto de 1445 (2), que achou publicada na collecção ingleza de Rymer.

N'uma obra que publicámos ultimamente (3) noticiámos summariamente quatro documentos que existem no Museu Britannico, relativamente a Alvaro Vaz de Almada, e agora offerecemos na sua integra (4), entendendo que merecem publicar-se visto o seu interesse historico. Estes documentos não são os originaes, mas só as copias ou parte de um registo; os originaes estavam no archivo da Torre de Londres, e talvez ainda estejam em algum dos depositos dos archivos inglezes. O primeiro é o mesmo de que já fallamos acima, achando-se em substancia no *Quadro Elementar* (5) do illustre visconde de Santarem; do segundo tambem dá noticia o mesmo auctor (6); o terceiro documento vê a luz pela primeira vez, São todos tres datados do 23.º anno do reinado de Henrique VI, que principiou em 31 de agosto de 1444 e terminou em 30 do mesmo mez de 1445 (7); e como estes diplomas são do mez de agosto, segue-se que pertencem ao anno de 1445.

N'estes papeis temos um testemunho insuspeito da grande reputação de que gosava este famoso cavalleiro: são estrangeiros que prodigalisam louvores devidos a um guerreiro de reconhecido valor. Vê-se que, se elle fazia sentir o pezo do seu braço no cam-

po de batalha, tambem fazia ouvir a sua voz auctorisada no recinto do gabinete, quando assim o pedia o bem publico.

A pensão vitalicia que lhe dá o rei de Inglaterra de 100 marcos annuaes, ou pouco mais ou menos 132 libras esterlinas (1), que não era somma mesquinha se attendermos á escacez do numerario, especialmente em Inglaterra, e seu grande valor representativo n'aquelles tempos; o presente de uma taça de ouro do valor de 40 marcos, contendo outros 100 marcos em dinheiro, que lhe faz o mesmo rei; mas sobretudo o facto de ser eleito por unanimidade membro da insigne ordem da Jarreteira, em cujo gremio a admisión é tão difficil, e mesmo nulla para estrangeiros, exceptuando-se as testas coroadas, são tudo provas inquestionaveis dos grandes e valiosos serviços prestados pelo celebre portuguez a Henrique VI, e a seu pai Henrique V: pois é certo que andou no serviço tanto d'este como d'aquelle. É de crer que D. Alvaro acompanhasse Henrique V quando este invadiu a França; o que logo por si provaria que quem fôra galardoado pelo monarcha inglez por semelhante motivo, não o poderia ser tambem por seu adversario, a menos que não fosse um mercenario.

Ex Archivis in Turri London
E rotulo Franciae, A.º 23.º
Hen. 6. membrana 2.

HENRICUS dei gratia Rex Angliae et Franciae et dominus Hiberniae Archiepiscopis Episcopis &c. salutem. Magnis esserendi sunt laudibus, singulari attollendi gloria, qui in Rei publicae salutem dies suos et vitam ipsam ferventi studio et animo indefesso conferre nituntur: qui de seipsis pericula faciunt pro aliorum quiete, qui egregiam famam et nomen immortale, prae coeteris mundanis rebus sitiunt, et foelices se praedicant dum communem utilitatem eorum operâ et fide adjutari posse arbitrantur: O foelicissimum genus hominum! sine quibus urbes, moenia, regna, dominia, mundi Principes, nec mundus ipse, incolumitate gaudere poterunt: O clarissimi et justissimi viri! quorum sancta dispositione virescunt virtutes omnes et florent, pulcherime effrenantur mali, praemuntur perversi: nemo est certe qui horum ingenuos animos aut literis contexere aut verbis adfari dignâ laude poterit; de quorum numero insignis et nobilis animi vir et strenuus et splendidissimus miles DOMINUS ALVARUS DE ALMADAA dicendus et praedicandus est, qui ab ineunte suâ aetate, dum annos pueritiae excesserat, militiae gloriâ debaccatus, virtutum praemia et communem omnium salutem anelans, toto conanimo et omni studio in armorum usum se coniecit, et cum aptiores Rei militares attingerat annos, adolevit strenuitas sua cum aetate, itaq; animo excellenti in omnem Rei publicae tuitionem crevit, ut nichil sibi dulce, acceptum, aut desiderabile videbatur, si pro communi bono non fuerit institutum; adeo sua pro virili bellorum discrimini insudavit forti animo, et pacis tranquillitati consilio, quod suo jure praemia debentur suo labori: propterea nos animadvertentes nobilitatem et animi dicti viri egregiam dispositionem, quae suis gestis adjunctae magnum efficiunt ornamentum, nec non ingentia facta quae non tantum tempore regni celeberrimae memoriae Christianissimi Progenitoris nostri verum etiam cumulum amoris servitii et meritorum quae nobis

(1) 100 marcos equivaliam a 66 lb. 13 s 4 d: mas as moedas tinham n'aquella epocha, em Inglaterra, o dobro do peso do valor intrinseco do que tem hoje-as de mesma denominação.

(1) Veja-se a mesma historia Ep. 2 L. 1 c. 4 § 1.

(2) Veja-se «Quadro Elementar» Tom. XIV p. 203. e tambem p. civ da Introduçãõ.

(3) Catalogo dos Ms. Portuguezes no Museu Britannico, p. 259 e 260.

(4) Julgamos escusado publicar um d'estes documentos, por ser apenas uma noticia de poucas regras sobre D. Alvaro, sem offerecer novidade alguma.

(5) T. XIV, p. 203.

(6) *Ibid* p. 206; este doc. acha-se igualmente em Rymer.

(7) Henrique VI subiu ao throno em 31 de agosto de 1442.

regnisq exhibuit nostris, ipsum in militem ac socium et fratrem de GARTERIA ex unanimi consensu societatis ejusdem elegimus et realiter investivimus: eundem etiam Dominum ALVAREM ex nostrâ habundantiori gratiâ in evidens testimonium suarum virtutum, in comitem DAVARANS in Ducatu nostro NORMANNIAE creavimus et praefecimus, ac per presentes creamus et praeficimus ac de eisdem nomine honore et titulo per cincturam gladii investientes effectualiter insignivimus. Habenda et tenenda eadem nomen et honorem Comitis DAVARANS sibi et haeredibus suis masculis de corpore suo legitime exeuntibus in perpetuum, volentes et praecipientes pro nobis et haeredibus nostris quod dictus fidelis noster dominus ALVAREM nomen et honorem Comitis DAVARANS teneat sibi et haeredibus suis masculis de corpore suo ut praemissum est legitime exeuntibus in perpetuum. Hiis testibus venerabilibus patribus I: Cantuar: et I: Eborumarchiepis. Tho: Norwicen: W: Sarum. I: Bathon et Wellen Epis. carissimo avunculo nostro Humfredo Duce Glouc: ac carissimis consanguineis nostris Iohan: Exon. et Humfredo Buck. Ducibus et Willō Marchione Suffolciae. Iohan: Vicecom: de Beaumont, ac diltis (1) et fidelibus suis Radulpho Cromwell et Radulpho Botiller militibus, Thess. (2) Angl., et Magistro Adam Moleyns custode privati sigilli et aliis. Dat. per manum nostram apud Westm. (3) 4 die Aug.

Per breve de privato sigillo et de datâ praedictâ &c.

Ex Archivis in Turri London
E rotulo Franciae, A. 23^o
Hen. 6. membrana 2.

Rex omnibus ad quos &c salutem. Ponimus ante oculos nostros fidem industriam circumspectionem affectionem laboresq et alia memoriâ dignissima quae fidelis noster Dominus ALVAREM DE ALMADA Comes DAVARANS consiliarius excellentissimi Principis et potentissimi domini Regis Portugaliae consanguinei nostri et Capitaneus Major in omnibus regnis suis et dominationibus ac Alcayde major civitatis Ulishonensis foelicis memoriae genitori nostro et etiam nobis singulari intentione impendit: volentes ideo huiusmodi merita sine fructu nequaquam oblivioni committere, Ex mero motu nostro concessimus et concedimus per praesentes eidem ALVAREM centum marcas percipiendas annuatim quamdiu vixerit ad receptam Scaccarii nostri Angliae per manus Thesaurarii et Camerariorum nostrorum ibidem pro tempore existentium ad Terminos Paschae et Sancti Michaelis per equales porções. In cuius etc Teste R. apud Westm. 9 die Augusti

Priv. Sigill. 13 Aug. 23 H. 6. We in good consideration of the good service grete zele and good love that our trusty and well-beloved ALVAREM DA SILVA Knight of Portugale hath don and shewed unto us and oure full noble progenitors have maad (4) and creat (5) him now late (6) Therle (7) of AVERANCHUR and over that (8) we have graunted unto the said

(1) Dilectis.

(2) Thesaurarius

(3) Westminster.

(4) Made.

(5) Created.

(6) Now of late; lately.

(7) The earl.

(8) And besides that; and moreover

ALVAREM a pension of an C marc by yere during his life. We charge you that ye delivere unto him a cupp of golde of XL marc and C marc thereinne &c.

F. F. DE LA FIGANIÈRE.

A PENA DE TALIÃO

ROMANCE HISTORICO.

II

Em uma das curtas visitas, que D. Maria Paes fazia à corte para ver o infante D. Rodrigo Sanches, a formosura de Branca deslumbrou, e captivou o filho dos Viegas.

Desde esse dia Affonso não vio outra luz no mundo senão a que brilhava nos olhos da donzella; e obedecendo ao amor, que o chamava, o seu coração unio-se ao coração, que de puro e innocente, perguntava ainda a si mesmo, na candura do affecto, porque pulsava o peito com tanta força, quando a vista anciosa do mancebo, a obrigava a baixar a sua, e toda tremula, porque sentia arder nas faces as côres do pejo?

Em uma só vez, que se encontraram sós no eirado do alcaacer de Coimbra, o segredo da paixão, que os abrazava, escapou a ambos, quasi sem o quererem, como o perfume se exhala do calix da flor; e incapazes de fingir, ou de se conterem, juraram logo ali a ternura, que ia ser o enlevo, e o martyrio da sua vida.

A orgulhosa dama de Lanhoso recolheu-se ao castello de Cham sem descobrir, nem suspeitar ao menos de que procediam as lagrimas mal escondidas, e a pensativa melancolia, que realçavam de meiga palidez a rara belleza de Branca.

Atribuindo-lhe as ao pezar de volver ao ermo, despedindo-se das festas e prazeres d'uma corte faustosa e opulenta, procurou suavisal-as, permitindo a sua netta os passeios solitarios e as fragueiras distracções da caça, sem perigo em um sitio, aonde tudo era distante do mundo e sombrio como o inverno da existencia, que a amante de Sancho I consumia nos terrores do remorso, e nos prantos inconsolaveis do arrependimento.

Apenas Branca se ausentou desapareceu com elle todo o contentamento do filho de Viegas Lourenço.

A saudade avivando-lhe a cada instante a imagem querida, desbotou-lhe o rosto, apagando em uma contracção dolorosa o sorriso festivo, que dantes lhe animava os labios.

A tristesa succedeo á jovialidade impetuosa, e D. Meçia e Martim Gil, que nas suas horas de cuidado lhe invejavam d'antes a alegria bulicosa, reparando na mudança, pouco se demoraram em penetrar os motivos d'ella.

Leal como os annos tenros e a indole generosa, Affonso de joelhos aos pés da gentil rainha, confessou sem se distarçar as penas e esperanças, que apesar do ardor, tornam tão doce a primeira chama, que vem acordar a alma ainda adormecida, revelando-lhe, que alem da vida usual existe outra, mais alta e mais sublime, que não se vive só, e que de ordinario custa sacrificios e tormentos.

O enlace d'um dos Viegas com a netta de D. Maria Paes, pondo termo á antiga rixa das duas casas, não offendia os interesses da esposa de Sancho II, antes podia vir a favorecel-os; e da sua parte o poderoso valido não achava senão vantagens em que o man-

cebo possuísse as torres e o solar, que Branca devia herdar, ao passo que ficando em outras mãos, com as tempestades civis, que principiavam a acumular-se era para receiar, que um inimigo cerrasse as portas, e levantasse nas ameias o pendão da resistencia.

Assim os dous, pela mesma causa, longe de despersuadirem o donzel representando-lhe os obstáculos, que os parentes de Branca e os seus opporiam de certo a uma alliança entre familias separadas por um rio de sangue, e por vinganças implacaveis, esforçaram-o pelo contrario, e tractaram de lhe proporcionar os meios de se aproximar do castello de Cham, contando que o amor decidiria a neta de Maria Paes a esquecer pela ternura de Affonso o odio, que os desunia, e a memoria dos aggravos.

Para isso é que Martim Gil, sem lhe explicar a razão occulta, encarregou o mancebo d'uma mensagem a alguns dos cavalleiros, que moravam a poucas legoas do solar de Ruy Viegas, recommendando-lhes que detivessem o pagem, e no caso de carecer de auxilio, que lho prestassem, como a elle proprio.

Mal saíu os muros de Coimbra, Affonso sentiu renascer todos os jubilos, que a magoa tinha desvanecido; e vendo-se proximo do lugar, aonde Branca se consolava da separação, conversando dentro d'alma com o seu amor, o coração parecia querer soltar-se-lhe, e voar ao encontro da donzella, que ha tantos mezes adorava no sacrario do seu peito, entre suspiros e lagrimas de saudade.

É inutil acrescentar o que todos hão de suppor.

Affonso não socego em quanto não veio renovar nos desertos do solar de Cham os juramentos feitos no meio de flôres e danças nos paços de Coimbra; e escutando a doce voz, que lhe respondia, e lendo na maviosa brandura d'aquelles olhos, tão bellos, todas as promessas, que a esperanza lhe tinha deixado conceber, não viu no ceu e na terra mais do que a sua paixão, e não viveu senão para se entregar a ella.

Branca de seu lado, não era tambem menos feliz.

As rozas voltaram a alegrar-lhe o setim das faces; as pupilas d'uma cor tão rara, de languidas e tristes que esmoreciam antes, tornaram-se brilhantes e radiosas; e se alguma vez, como extasiadas, mostravam esquecer-se de quanto as rodeava, o toque de suave reflexão, que as suspendia, juntava um enlevo mais a tantos dotes.

A boca ha pouco melancolica e pensativa, avivou logo no coral dos beiços o sorriso casto, que sem os desflorar, deixa advinhar os arrebatamentos d'alma, que no infinito do desejo espera tudo, e tudo crê.

D. Maria Paes não podia apereber-se da transformação, por que as trevas, em que a sua velhice se mergulhava, não a deixavam senão advinhar pelo affecto materno as magoas, ou os jubilos d'este anjo, que a providencia compadecida collocara junto d'ella como unica e suprema consolação das ancias, que enchiam de terror a eterna noute d'uma existencia, que nas horas de maior angustia pedia a Deus, que abreviasse, porque a tomava com motivo como o castigo tremendo e antecipado das culpas da soberba.

Ruy Viegas distraído de outros cuidados pela ambição, admirava como todos a viçosa formosura da filha de D. João Fernandes de Lima; mas seria o ultimo a notar-lhe nos olhos a nodoa das lagrimas, ou no rosto a palidez da saudade.

Se a idade das paixões não passara ainda por elle, porque estava no vigor da existencia, era duvidoso que a sua razão fria, e o seu espirito positivo se alvorocassem com os estímulos d'uma afeição bastante forte para os cegar.

Nunca amara; e lamentava quasi os outros cavalleiros moços, quando os via, timidos e submissos aos pés de alguma dama, dobrando a liberdade aos seus caprichos, e fazendo galla d'um captiveiro, que no seu entender quasi significava uma fraquesa.

Branca perdendo ainda no berço o carinho e a vigilancia de seu pae, e como ultimo fructo d'uma união venturosa, resumindo na sua cabeça adorada todos os extremos d'um coração tão excessivo na ternura, como inexoravel no odio, qual era o de D. Maria Paes, crescendo em attractivos e prendas, acostumou-se a ser mais senhora, e menos sujeita, do que usavam de ordinario as donzellas dos seus annos e condição.

Creada ao collo de tantas meiguices, afeitá a não manifestar uma vontade, que não visse logo cumprida, e certa de que um beijo ou uma affago seus, possuíam o milagroso condão de chamar por alguns instantes o riso ao semblante da sua mãe, isemptou-se da escravidão quasi claustral em que a vida das outras castellãs se entristecia, e levantando-se do estrado dos labores, ou da almofada em que bordava, habituou-se a visitar os sitios mais agrestes e solitarios, e a largar sem receio o galope á sua haecancia pelos campos e encostas com o garbo e affoutesa um de estribeiro consumado, e a graça fragueira d'uma Amazona.

Ao lado de seu primo nas corridas mais arriscadas, nem precipicios, nem selvas a detinham; e com as madeixas soltas, com as faces acesas em vivo carmim, e a vista a arder no fogo das agitadas combões, rapida e audaz, como o mais animoso monteiro na investida, ou no assalto da presa, nem o perigo a sobresaltava, nem o encontro a colhia menos firme.

D'aquellas mãos delicadas partia seguro e certo o venabulo, como se fossem as d'um caçador aguerrido; e nos lances de risco, que tantas vezes offerece a desesperação da fera acossada, em quanto de a ver exposta desfallecia o peito aos mais ousados, o seu não arfará inquieto, a vista brilhante e recta cruzando-se com a morte, mostrava quebra, ou desalento.

Por isso Branca era o idolo e o orgulho dos Nemrods, cubertos de gloria e de cicatrizes nas asperas fadigas d'um exercicio, que tinha para elles o grande valor de conservar na paz a agilidade necessaria para as verdadeiras luctas, ao mesmo tempo que apresentava a imagem dos combates, porque suspiravam, proporcionando-lhes occasiões de ostentarem destresa e serenidade a braços com o perigo.

A estas circumstancias deveram os amores do mancebo a felicidade de correrem occultos e tranquillos.

Ao recolher d'um passeio distante, ou d'uma caçada, a filha de D. Maria Paes, furtando-se ao bando tumultuoso dos monteiros, deixava-os entrar adiante no castello, e por algum atalho conhecido, vinha ao sitio cuberto de frondosas ramas, aonde o amor a aguardava contando os momentos.

O que os dous fallavam n'estes colloquios estremecidos, é o que tem dito, e hão de dizer sempre os corações virgens, que no viço dos annos e cheios de illusões, abraçam a esperanza como realidade, accitam as promessas do desejo como verdades, e indifferentes a quanto lhes é estranho só olham para a sua paixão, porque só por ella existem.

A innocencia de Branca era tão pura, que nem um instante lhe passou pela mente a sombra d'um receio, ou d'uma suspeita, vendo-se todos os dias naquelle deserto horas inteiras a sós com um mancebo, que o delirio dos sentidos podia desvairar!

Se duvidasse de Affonso, se o julgasse capaz d'uma vileza preferiria perdê-lo, e morrer, a deshonrar-se, tornando a escutal-o. N'aquella alma crente e elevada a admiração e a confiança eram as azas, em que a sua ternura se levantava acima das baixezas e das misérias da terra.

O neto dos Viegas viera realizar os sonhos namorados da sua adolescencia, quando com melancolia suave e sentindo vagas saudades d'um sentimento mais profundo, que principiava a acordar-lhe o peito, os olhos do mancebo lhe revelaram de repente, que era chegado o affecto, que havia de decidir da sua vida, e do futuro.

Nos momentos, em que se encontravam, tinham trocado apenas algumas palavras, pouco expressivas para a exaltação que denunciava a vista, e que o tremor da voz não sabia disfarçar; mas embevecidos e absortos eram logo obrigados a separar-se, porque as horas tinham corrido desaperecidas na muda contemplação, em que a alma de ambos, desfalecendo, se embestia.

O sobresalto, e a timidez prendiam-lhes os labios, e quando o coração mais desaffogado, começava a trasbordar, fugira o tempo, e escapara a occasião!

Entretanto, neste dia haviam decidido pôr termos ás incertezas, ligando-se por um juramento que unisse em uma só as duas existencias. Branca esperava que o mancebo, vencendo o receio, lhe pedisse a mão de esposa. Affonso, depois de hesitar com vezes, e de consigo mesmo assentar outras tantas em que seria resolutivo, contava lançar-se aos pés da donzella, rogando-lhe que o deixasse ser o mais venturoso dos homens.

Malogrados propositos! Apenas se avistaram succedeu o que observamos já; o que succedia sempre. A voz sumia-se tremula e balbuciante, e só os olhos e o silencio disseram tudo!

Branca, segundo notamos antes, foi a primeira, que soube vencer-se, e romper o encanto.

O amante, quasi de joelhos ao seu lado, não se causava de a admirar, e debalde pedia animo e forças á chama, que o abrasava, para pintar com a voz as infinitas alegrias, que n'aquelles instantes lhe illuminavam a alma. Em vão! Na posição que tomara a donzella o esbelto corpo desenhava as formas graciosas, em um mixto fascinante de requebro e timidez. A expressão dos olhos era admiravel. Parecia, que as palpebras tinham inveja dos thesouros e ternura, que os tornavam irresistiveis, e que por isso tanto a miúdo lançavam sobre elles a sombra das pestanas.

Mas só por momentos! Logo depois levantavam-se compadecidas, e a voluptuosa suavidade do sorriso, aveludando o brilho á vista humida, como que deixava fugir em um raio de luz branda o suspiro do amor, incapaz de se conter.

As folhas das arvores, sussurrando com o vento que lhes estremecia sobre a cabeça a abobeda de verdura, não estavam mais agitadas do que o peito de Branca, batendo atropellado por tal modo que se viam arfar as roupas.

Affonso com a maviosa suspensão, em que a verdadeira paixão se retrata, sem abrir a bocca tinha já confessado tudo, e durante esta pausa, cheia de delicias, respirava o perfume d'essa rara flor, que só uma vez nos é dado colher e gozar na vida.

De repente, em quanto os osculos ardentes do mancebo se repetiam na mão alva e breve, que nem se lhe entregava toda, nem tambem se retirava esquiua,

um rouxinol veio pousar-se no mais alto ramo, debruçado por cima da capa do arvoredo, e começou a trinar com tanta melodia, que levava os sentidos atraz do canto.

Era o idyllo completo, e a vista dos dous amantes, meiga e extasiada, ao som d'aquelles gorgeios começou as confidencias, que os labios finalmente, ousaram proferir.

«—Branca!—exclamou o mancebo, soltando a voz a custo, e com as faces illuminadas nas vivas cores do jubilo—tardavas tanto! Cheguei a temer que não viesse. Se soubesses a tristeza que me apertou o peito, quando vi o sol quasi a esconder-se, e tudo silencioso em roda de mim!...»

«—Incredulo!» atalhou ella sorrindo-se, e como que beijando-o na fronte com o amoroso olhar, em que derretia a ternura dos olhos. «Não tinhas a minha promessa? Já faltei a ella?»

Não. Mas vê; amo-te; sou como os loucos, só vendo-te, e ouvindo-te, como agora, é que posso crer, que a ventura não seja um sonho. O meu medo é acordar um dia, não achando de tudo o que gozei, senão a dor e a saudade!

«—Merecias em castigo da pouca fé, que eu não tornasse aqui! Mas sou tão branda, ou tão fraca, antes, que me compadeço, e digo ainda: Affonso, o meu desejo era sempre estar ao pé de ti, ler nos teus olhos a mesma esperança, e sentir no coração a doce alegria, que faz palpitar o teu. Não sei porquê, mas este affecto, é o maior de todos; arde e queima, e ao mesmo tempo consola!... Dize: tua irmã que fosse, querias-me do mesmo modo?»

«—Branca não perguntes o que sabes, o que advinhaste já; não vêes no meu peito, tanto ou mais do que eu? Não se estremece nada assim no mundo! Um instante, aqui, passado de joelhos aos teus pés conta-se por um seculo de felicidade; os olhos, que me dizem amo, o sorriso, que me enche de luz a alma, a voz, que na ausencia me fere o coração, e o sobresalta... cuidas que me esquecem, ou que ha uma hora, um momento só na vida, em que os não veja e ouça, em que os não adore, como se adora o que é do ceu e de Deus? Antes de te conhecer, não vivia! Antes de sahir da tua bocca a esperança, que me faz tão ditoso, que não trocava a minha sorte hoje pela gloria do melhor cavalleiro, ou pela côroa do mais poderoso rei. Não avalias as penas, que padeci, os receios, que me combateram nas longas noites de sono, em que só me apparecia a tua imagem sem os teus labios mudos me prometterem nada?... Quantas vezes as lagrimas, como fogo, me correram pelas faces, e os soluços cortando-me a oração, em que pedia que me desses metade ao menos da ternura, que eu sentia, me soffocaram em gemidos e desesperações as vozes, que levantava ao ceu?! Ouves como o rouxinol gorgeia, como o seu canto se entristeceu de repente, que parece estallar de dor a pobre da avesinha? Assim sou teu. Deante de ti, é alegria e esperança, tudo. Longe, o que me anima é a certeza apenas de tornar a ver-te...»

«—E não te lembras de que este encanto, que nos enleva, por força hade ter um termo?» acudio a donzella, baixando a vista, e empalidecendo subitamente. «Não te diz não sei que voz de magoa, que nos podem separar os que mais nos prezam, e que bem amargosos prantos hão de talvez apagar... não! um affecto como este nosso não se apaga, mas...»

«—Separar-nos! bradou o pagem, erguendo-se com a mão no punho da adaga, e os olhos fuzilando ira. Separar-nos, disseste?»

« — Sabes se tua mãe querera chamar-me filha? Se teu pai não te escolheu outra esposa?... » insistio ella com melancolia.

« — Minha mãe é um anjo, que me abençoa do ceu, e não ha de pedir a Deus, senão a minha ventura. Meu pai... não cheguei a conhecê-lo. Nasci no meio de lagrimas. Branca, os extremos, que todos recebem na infancia, sou tão infeliz, que os perdi. Nascido no meio de lagrimas o meu berço levantou-se entre dous tumulos... É triste, não é? Mas o teu amor consolame de tudo. Vendo-te parece-me, que torno a encontrar o meigo sorriso de minha mãe, e o affectuoso carinho, de meu pai, que morreu mais traspasado pela saudade do orphão, que deixava do que pelo golpe, que lhe cortou a vida!... »

(*continua*).

L. A. REBELLO DA SILVA.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZ

III

ANTONIO DENIZ DA CRUZ E SILVA.

NA ARCADIA — ELPINO NONACRIENSE.

1731 — 1779.

IV

Na opinião dos eruditos da escola classica a obra mais perfeita do Deniz, o seu titulo de gloria incontestavel, é a colleção das Odes pindaricas.

Citam-as como monumentos unicos nos committimentos da musa portugueza, arrebatam-se como o vate, remontam-se com elle ás alturas despenhadas da imagem hyperbolica, e sem mais funda investigação, cortam-lhe satisfeitos a palma do louvor.

Não somos do mesmo voto; applaudimos tambem a difficuldade vencida muitas vezes: admiramos egualmente os grandes rasgos, a que se eleva com frequencia a phantasia de Elpino: mas apesar d'isso nas suas poesias fugitivas, nas Anacreonticas por exemplo, ha bellas de estylo, e graças desaffectedas, que nos enlevam mais, do que o forçado, ainda que impetuoso, vôo das suas lyricas pomposas.

O genero e não o engenho, atraçou o cantor!

A verdadeira culpada dos sobresaltos, com que de repente o vemos cair precipitado das espheras do sublimo, aonde momentos antes se perdia no extasis delirante, é a imitação de formas, e de metros, que tinham esplendor na formosa lingua da Grecia, e sentido no espectáculo animado dos seus festejos civis e religiosos, mas que transportados, depois de seculos para os ocios quasi claustraes d'uma sociedade oposta nos costumes e nas instituições, eram para antiguidades rejuvenescidas á força e nada mais.

Estudando se com pausa o lavor das odes pindaricas do Deniz, acha-se o que apparece tambem examinando-se as odes do italiano Chiabrera, e as do Castelhana Herrera; o que nos mostram as duresas e desigualdades de Lebrun, e a composição paciente e artificiosa de Boileau.

Falta ali o sopro, a alma divina da inspiração lyrica, para dar expressão e côr áquellas formosas estatuas desenterradas do tumulo de uma literatura finta.

Embora o poeta dardeje ébrio de enthusiasmo todos os raios d'uma imaginação potente; embora revista de reminiscencias modernas, e de alusões historicas recentes, os modellos, que tentou ressuscitar, a vida não se finge, e basta um esquecimento para nos trazer subitamente á realidade, conhecendo que a

harmonia dos sons nos illudiu, mas que a idéa, apesar das grinaldas e das gallas, que a enfeitão, dorme o somno profundo e eterno, que dormem as inquietas republicas cuja acção intellectual conquistou o mundo, na hora mesmo em que o dominio estrangeiro as sujeitava a ellas!

Eis a causa das nodoas, que a miudo empanam o lustre ao estro de Elpino, e que entre os seus rivaes não deixou passar um só, que possa lisonjear-se de ter pizado sem dolorosas quedas aquelle estadio, aonde se levanta unico e triumphante o vulto quasi theocratico do cantor grego. Mais, ou menos proximos uns dos outros, é certo que todos os modernos ficaram a larga distancia d'elle; e já nos tempos imperiaes de Roma, Horacio, cujo gosto era tão fino, cuja critica delicada via tão longe e tão segura, não escondeu aos seus contemporaneos o conceito, do que os arrebatamentos audases, e a magestade inimitavel da estrophe pindarica seriam o desespero e o escolho de quantos ousassem medir-se por imprudentes, com a grande sombra de mestre.

Na ode a Julius Antonius (Liv. IV. od. 2) o auctor da epistola aos Pisões exclama, cedendo á verdade, que a soberba de competir com Pindaro seria vôar em azas de cera para dar o nome a outro mar transparente.

Pindarum quisquis studet aemulari,
Jule, ceratis ope daedalæ
Nititur pennis, vitreo daturus
Nomina ponto.

Comparando o Vate da Beocia á torrente, que grossa e temida se arremessa pelas ladeiras do monte, trahbordando o leito, nota que uma vigorosa inspiração sustenta sempre o cysne de Dyrceé, quando se remonta á região das nuvens.

Multa dircaem levat aura eycenum
Tendit Antoni, quoties in altos
Nubium tractus...

Para o lyrico romano o segredo das magnificencias poeticas do genero espirou com o cantar dos hymnos Pythicos, e das festas Olympicas.

Desde que os dedos de Pyndaro, regelados pelo inverno dos annos, deixaram de as pulsar, nenhum dos seus emulos tornou a repetir nas cordas da harpa, ornadas de coroas de ouro, aquellas harmonias frementes e de um tom tão levantado, que fazem duas vezes immortaes os heroes que celebravam.

Quer no dithyrambo, aonde se engastam vozes novas no metro, rompendo o jugo, entregando-se a cadencias livres: quer na pintura viva dos jogos, aonde o cavallo e o atheleta disputam o louvor do premio, o ardor do cantico nunca desfallece, e o brilho dos versos é cada vez mais radioso.

Os transportes do enthusiasmo lyrico sobem sem eclipse, e a perder de vista, e nunca desmentem a elevação do assumpto.

Exaltando, puro de lisonjas, as acções dos principes e dos povos, o incenso de vis apologias não cega a vista ao poeta; e pairando sobre nuvens luminosas a sua musa agita, palpitando, as azas candidas, sem declinar, ou se abater. Parece que se repousa de uma luta para desferir logo segundo e mais alto vôo!

Hieron o Arcesiláo, protectores de Pindaro, nunca o obrigaram a infamar a lingua dos deuses e dos heroes, arrastando-a a seus pés como escrava.

Recordando o castigo de Tantalos e de Ixion, como exemplo da sorte que espera o crime, o vate ergue sobre a tirannia a ameaça da expiação e da justiça.

Longe de se humilhar ao aceno dos poderosos, e de pôr no altar o vicio triumphante, a voz enche-se-lhe de lagrimas, e a indignação virtuosa fuzila chama, quando flagela o desterro iniquo de cidadãos, cuja culpa é só o ciúme dos opressores.

A moral respira nos seus metros, e com motivo se declarou interprete das leis divinas.

Nos quadros, em que nos deslumbra, a alma e os sentidos enlevam-se ao mesmo tempo. Polux sacrificando-se pelo amor fraterno (Nemeanas ode X.), e Antiloco morrendo por seu pai (Pythicas, ode VI.), são painéis acabados, perante a arte e perante a philosophia.

As sentenças, que esmaltam com tacto o esquadrão alado das suas estrophes, pela concisão da phrase, e da figura, em que se gravam, revelam apar do poeta sem rival, o homem que viu o mundo pelos olhos da reflexão e do desengano, e que disse sem alarde a similitude do psalmista: «o que somos? O que não somos? O sonho de uma sombra, a vida não é mais.

Essas odes, que a corte de Hieron recompensava como serviços publicos de toda a valia, eram cantadas por côros de mancebos umas, e por côros de adultos, e até de anciãos, as outras. As danças acompanhavam a muzica, e julga-se provavel mesmo que Pindaro, celebrando os laureados nos jogos nacionaes empregasse, como os poetas tragicos, coristas seus, para tornar mais accita e regular a especie de representação, em que se recitavam os hymnos triumphaes, apar das pompas da precissão solemne, que subia para agradecer aos deuses.

O lugar, em que os bellos versos do cysne de Dyrce foram applaudidos por auditorios abrazados de admiração, era o recinto reservado do templo chamado *temessos*, e sendo Atheniense o vencedor, o Prytaneo, correndo o Estado com as despezas.

É por isso, que as odes pindaricas, ora se arrebatam em imagens esplendidas e allusões mythologicas, ricas de methaphoras arrojadas, ora se elevam graves e magestosas como canticos religiosos, repetidos em presença da nação, e em nome d'ella.

Que similitude, mesmo remota, offerecem os usos e as idéias depois da renovação do christianismo, com as cerimoniaes pagans, e com os espectaculos em que a voz do poeta soava como voz do sacerdocio, acima dos ouvintes embevecidos pela grandeza dos assumptos, e pela vehemencia e o rapto lyrico do cantor?

Cada epocha tem as suas necessidades, e molda por ellas o gosto e as inclinações.

O que deu a palma em nossos dias, a Victor Hugo e a Lamartine foi o genio raro, com que interpretaram em novas formas, e com feliz audacia o que todos sentiam, mas não sabiam expressar.

O Deniz, não podia de certo antecipar-se ao seu tempo, nem advinhar. Seria injustica, e erro até exigir da Arcadia, no seculo XVIII, o que só mais de sessenta annos depois principiou a emprehender-se e não sem resistencias e accesos conflictos.

A liberdade, não a licença, da arte, a que os gregos deveram os primores que illustram a sua memoria, havia de nascer entre nós tambem da liberdade civil, e das dissensões politicas, como em Athenas, e nas cidades do Peloponeso se retemperou com as luctas da tribuna, e as victorias de Marathona e Salamina. No seculo de Luis XIV, e do marquez de

Pombal, em que a unidade monarchica imaginava reconstituir-se, e fortificar-se pelo poder despotico, só a suspeita d'uma revolução d'esta natureza era capaz de empalidecer as venerandas faces dos desembargadores do Parnaso.

Regenerar as lettras, purificar-as da corrupção estrangeira de Gongora e de Marino, e avizinhar-as das fontes ja sem frescura d'onde tinham manado os primeiros exemplos e os primeiros preceitos para a renascença, foi o proposito, e a fadiga constante dos tres poetas distinctos, que na provincia das artes restauraram em todo o rigor os codigos severos de Aristoteles: Horacio, Vida, e Boileau.

Imitar a Pindaro, no ponto de vista, pois, d'aquella eschola, consistia em transportar do opulento e harmonioso dialecto do cantor thebano para a lingua portugueza as formas geraes da composição do hymno triumphal, e forçando o metro e a indele até das cousas, distribuir os versos por estrophes, antistrophes, e epodos, affectando concisão obscura, interrompendo a cada passo o vôo para correr, com allusões pagans e gastas atraz de uma digressão forçada impertinente ás vezes, e sem sentido!

Louvores apezar disso ao engenho, que em prova tão ardua, não succumbindo, quebrou com bizzarria mais de uma lança gallhardamente. Para não cabir de tão alto para sempre, derretidas as azas pelos ardores do modello inimitavel, como aponta Horacio, é precisa uma robustez, que poucos alcançao; e a gloria do Deniz é justamente de ser um d'esses.

Se a difficuldade pudesse vencer-se, elle sujeitava-a. Assim mesmo sahio do encontro com honrosos testemunhos.

L. A. REBELLO DA SILVA

Continuação.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

Continuação.

É nas comedias que Naharro, segundo a sua extranha theoria dramatica, chama *comedias á fantasia*, ou de assumpto ideal e inventado, que o escriptor hespanhol aproxima o theatro peninsular do que teria de ser, fecundado pela veia original de Lope de Rueda e de Juan de Timoneda a principio, e depois, nos tempos de maior esplendor e de maior fertilidade, sob os auspicios do inventivo Lope de Vega, do imaginoso Calderon, e do gracioso Tirso de Molina. A *Hymenea* é a primeira composição dramatica hespanhola onde o amor preside á intriga e ao desenlace, e onde o sal picante dos dialogos plebeus se mescla sem os deslustrar ás expansões do coração e aos desaforos da paixão sentimental. Mais tarde a forma da *Hymenea*, melhor affeição, e pelida de todas as suas asperidades e rudezas, constitue o genero que se chamou de *capa e espada*.

Cousa notavel e cuja observação não devemos preterir, já que viemos n'esta digressão a fallar nas mais remotas origens do theatro peninsular, é a allinidade e similitude que entre si contrahiram Naharro e Gil Vicente na soltura da lingua e em satyrisar e denegrir as mais intrataveis potencias da gerarchia sacerdotal, e na desvairada zombeteria com que por vezes trata a Igreja com mostras de pouco sincera contrição e de pouco piedoso acatamento. Como Gil Vicente, Naharro agita os guisos de Momo sobre a cabeça dos mais venerandos tonsurados, e aponta á risaca publica os desconcertos dos cardaes e as mundanidades dos prelados, a lascivia dos clerigos e a dissi-

pação dos monges. O theatro nasce da ecloga, mas a poucos esquece a simpleza pastoril. Já não o contenta o balar das ovelhinhas, o ramalhar dos salgueiros a debruçarem-se no regato, a alfombra esmaltada dos outeiros, o monotonio volver dos labores campestres, a avena buccolica, a cabana aldean fumegando, como na ecloga de Tytiro e Melibeu, de Virgilio, os queixumes das pastoras, a rustica allivêza das zagalas. A ecloga, feita drama, erra pelas cidades, espreita nos palacios, debruça-se á portaria dos mosteiros, e fulmina sem piedade as orgias dos poderosos e os escandalos da plebe. Na *Tinellaria* de Naharro, o pincel comico debuxa n'um quadro folgassão mas satyrico, as orgias de um cardeal e a hypocrisia dos proceres da igreja: assim como nas *Barcas* de Gil Vicente, o diabo fulmina sem distincção e sem resguardo os vicios de um pontifice e as dissipações de alguns prelados.

Esta feição satyrica do theatro nascente explica-se pelo fervor com que a palavra, solta das restricções e das cadêas, voava a illustrar todos os assumptos e a questionar todas as autoridades. O theatro não ha de ser nunca abstracto nem especulativo para ser gostado das multidões; para ter sabor popular é mister que viva das condições do seu seculo e da sociedade em que florece. No seculo XVI as luctas, ainda então pacificas da igreja, eram, no entusiasmo da reforma, o que foi na ordem politica e civil, a revolução dos espiritos no seculo XVIII, e a revolução das instituições no seculo XIX. A revolução chamava-se então reforma, como dois seculos depois se apellidou *liberdade*, como nos nossos tempos tomou o nome de socialismo, que tem a pretensão de comprehender na sua indole synthetica a dupla reformação das relações espirituas e physicas da humanidade.

O theatro nasceu pamphletario. Nos cadafalços erguidos na camara dos reis, para sua apparente diversão, ou sob as arcadas das egrejas para edificação e piedoso regozijo dos fieis, vinham as figuras allegoricas dos autos e comedias, esconder a allusão profana sob as apparencias innocentes do panegyrico, e chegou a musa comica na sua extrema sinceridade a soltar proposições que offenderiam por irreverentes ou hereticas a ouvidos menos dispostos á complacencia e ao prazer.

A comedia não logrou por muito tempo as liberdades com que nascera. Emquanto foi apenas diversão de palacianos, pode envenenar mais livremente a satyra sem accorder a intolerancia dos poderosos que dominavam n'aquelle tempo. Das curias dos reis e dos sallões dos grandes quiz tentar mais largas excursões na scena publica. De distracção de poderosos quiz ser ao mesmo tempo spectaculo e tribuna do vulgo. Quiz ser instituição litteraria e nacional o que até ali não fóra mais que mesquinha curiosidade de magnates e diversão intima de principes. A inquisição crescêra, com o theatro, e muito antes d'elle chegara á robustez e á perfeição. Quando a musa comica se quiz fazer popular, a inquisição foi-lhe ao encontro, soppeou-lhe os primeiros impetos e deu-lhe como que foral, porque visesse sem exaggerar as suas liberdades e sem se exceder em criminosas exempções. Gil Vicente pagou nas restricções da censura o que lograra de liberdades na scena. A Torres Naharro puniram-lhe os arrojcos comicos, tornando defeza a representação das suas obras.

(Continua.)

J. M. LATINO COELHO.



METEORO OBSERVADO EM INGLATERRA.

Todos os phenomenos que apresentam os corpos que compõem a atmosphaera são os que propriamente chamamos meteoros; uns são ordinarios, communs, ou periodicos, como os ventos, as chuvas, as trovoadas, o arco iris, etc., outros são extraordinarios, ou singulares, como o que se mostra na estampa da maneira que foi observado em parte da ilha de Wigth (costas e canal de Inglaterra), no meiado de Janeiro proximo, vendo-se outro quasi similhante n'outros pontos em 14 do mesmo mez.

O tempo estava de bonança, e o sol claro ao meio dia causava calor; ás quatro e meia da tarde arrefeceu de repente e muito, e d'ahi a vinte minutos descortinou-se um globo igneo descendo verticalmente do lado do sudoeste, e que parecia ter emergido dos ares n'uma altitude de 60 graus, baixando em linha recta e rebeutando na elevação de obra de 20 a 25 graus, offerecendo as mais brilhantes côres desde o lustre da prata até amarello carregado, e depois vermelho e azul como certos foguetes de vistas. O rastilho que deixou parecia de 15 graus ou mais de extensão e era cor de prata. Tendo permanecido assim por espaço de 20 a 30 segundos, gradualmente se dilatou e curvou no centro, como se mostra na figura do meio em relação á primeira forma; ás cinco da tarde manifestava-se sob a apparencia de uma nuvem de vello de lá branca, e cinco minutos depois desapareceu totalmente. Quando assumiu a forma colubrina o rastilho, ou cauda, visto, com um oculo de bom alcance, denotava ser composto de myriadas de faiscas até que se desfaziam em fumo.

Conjectura-se que a forma serpeante procedera de uma corrente superior de ar. Muitas pessoas imaginaram que iria cahir em Osborne, palacio de recreio onde por vezes reside na ilha de Wigth a rainha Victoria; mas, depois constou que o mesmo meteorito fóra observado em Bambridge e outros pontos e cahira no mar uma quarta ao sueste.